

1. Abraham A, Collins D, Martindale R (2006). The coaching schematic: Validation through expert coach consensus. *Journal of Sports Sciences*, 24(6), 549-564.
2. Bloom G., Salmela JH, Schinke RJ (1995). Expert coaches views on the training of developing coaches. En R. Vanfraechem-Raway y Y. Vanden Auweele (Eds.), *Proceedings of the 9th European Congress on Sport Psychology* (pp. 401-408). Brussels, Belgium: Free University of Brussels.
3. Cushion CJ, Armour KM, Jones R (2003). Coach education and continuing professional development: Experience and learning to coach. *Quest*, 55, 215-230.
4. Feiman-Nemser S (1983). Learning to teach. En L. Shulman y G. Sykes (Eds.), *Handbook of teaching and policy* (pp. 150-170). New York: Longman.
5. Gil A, Araújo D, García-González L, Moreno MP, Del Villar F (2014). Implications of instructional strategies in sport teaching: a nonlinear pedagogy-based approach. *European Journal of Human Movement*, 32, 104-124.
6. International Council for Coaching Excellence, ICCE, Association of Summer Olympic International Federations, ASOIF, Leeds Metropolitan University, LMU. (2013). *International Sport Coaching Framework Version 1.2*. Champaign: Human Kinetics.
7. Jarvis P (2006). *Towards a comprehensive theory of learning*. London: Routledge.
8. Jones L, Reid D, Bevins S (1997). Teachers' perceptions of mentoring in a collaborative model of teacher training. *Journal of Education for Teaching*, 23(3), 253-262.
9. Jones L, Morgan, K, Harris K (2012). Developing coaching pedagogy: seeking a better integration of theory and practice. *Sport, Education and Society*, 15(2), 1-17.
10. Lyle J (2007). A review of the research evidence for the impact of coach education. *International Journal of Coaching Science*, 1(1), 17-34.
11. Mesquita I, Ribeiro J, Santos S, Morgan K (2014). Coach Learning and Coach Education: Portuguese expert coaches' perspective. *The Sport Psychologist*, 28, 124-136.
12. Mesquita I (2015). Formação de treinadores: como alocar um discurso teórico à prática. En K.L. Moreira, P.J. Greco y J.C. Pérez (Eds.), *5º Congresso Internacional dos Jogos Desportivos* (pp. 143-168). Belo Horizonte, MG: Instituto Casa da Educação Física.
13. Milisted M, Duarte T, Ramos V, Mesquita I. Nascimento J (2015). A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em educação física. *Pensar a Prática*, 18(4), 982-994.
14. Moreno MP, Iglesias D (2004). Aspectos normativos de la formación de los entrenadores. En M.P. Moreno y F. Del Villar (Eds.), *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación* (pp. 129-147). Barcelona: Inde.
15. Moreno MP, Moreno A, García-González L, Ureña A, Hernández C, Del Villar F (2016). An intervention based on video feedback and questioning to improve tactical knowledge in expert female volleyball players. *Perceptual and Motor Skills*, 122(3), 911-932.
16. Nelson LJ, Cushion CJ, Potrac P, Groom R (2012). Carl Rogers, learning and educational practice: critical considerations and applications in sports coaching. *Sport, Education and Society*, 1, 1-19.
17. Nelson JL, Potrac P, Groom R (2014). Receiving video-base feedback in elite ice-hockey: a player's perspective. *Sport, Education and Society*, 19(1), 19-40.
18. Paquette K, Hussain A, Trudel P, Camiré M (2014). Sport federation's attempt to restructure a coach education program using constructivist principles. *International Sport Coaching Journal*, 1(2), 75-85.
19. Sherwin I, Campbell MJ, MacIntyre TE (2017). Talent development of high performance coaches in team sports in Ireland. *European Journal of Sport Science*, 17(3), 271-278.
20. Stoszowski J, Collins D (2016). Sources, topics and use of knowledge by coaches. *Journal of Sports Sciences*, 34(9), 794-802.
21. Veenman S (1984). Perceived problems of beginning teachers. *Review of Education Research*, 54(2), 143-178.
22. Vickers JN (2000). *Decision training: A new approach in coaching*. Vancouver: Coaching Association of British Columbia.

Vickers JN (2007). Perception, cognition, and decision training. *The quiet eye in action*. Champaign, IL: Human Kinetics.

AUTORES:

Eduardo Queiroz¹
 José Afonso¹
 Isabel Mesquita¹

¹FADEUP. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal

<https://doi.org/10.5628/rpcd.17.S1A.255>

Conflito no *Coaching* Desportivo: Estudo com treinadores de Ginástica Artística

PALAVRAS CHAVE:

Coaching desportivo. Conflito. Treinador. Atletas. Ginástica artística.

RESUMO

No âmbito da investigação no *Coaching* nos Desportos, um tema emergente é o conflito, porquanto tradicionalmente o mesmo é considerado como algo negativo, a evitar a todo o custo. Não obstante, face às demandas do contexto ambíguo e complexo em que decorre a atividade do treinador, o conflito é omnipresente, sendo crucial aprender a lidar com o mesmo. O presente estudo tem por objetivo examinar o modo como treinadores de Ginástica Artística lidam com o conflito gerado na relação com as atletas bem como identificar as estratégias que utilizam para a sua resolução. Participaram quatro treinadores. Os dados foram recolhidos pela entrevista individual semiestruturada e foi aplicada a Análise Temática para a sua análise. Os resultados evidenciam que a naturalidade com que o conflito é assumido, a literacia micropolítica através da qual este é agenciado, bem como a capacidade da sua antecipação é proporcional aos anos de experiência dos treinadores.

Conflict in Sports Coaching: Study with coaches from Artistic Gymnastics

ABSTRACT

In research on Sports Coaching, an emerging theme is conflict, because traditionally it is seen as something negative, to avoid at all costs. Nevertheless, given the demands of the ambiguous and complex context in which the activity of the coach takes place, conflict is ubiquitous, and learning to deal with it is paramount. The present study aims to examine how four Gymnastics coaches deal with conflict generated by the relationship with the athletes, as well as identify the strategies they use to its resolution. The data was collected using semi-structured interviews, and Thematic Analysis was applied to its analysis. Findings demonstrate how natural the assumption of conflict is, the micropolitical literacy that integrates the agenda, as well as the ability of conflict anticipation, which seem to be related to the coaches' experience.

KEY-WORDS:

Sport Coaching. Conflict. Coach.
Athletes. Artistic gymnastic.

INTRODUÇÃO

Durante a última década, a investigação centrada na atividade do treinador (isto é, *Coaching* nos Desportos)⁽¹⁰⁾ tem colocado um olhar mais atento sobre o complexo, ambíguo e imprevisível ambiente do treino desportivo^(7,18). Em particular, os estudos desta área têm realizado uma análise mais minuciosa e interpretativa sob a forma como os treinadores gerem as suas equipas^(7,15), ou seja, como interação socialmente com todos os intervenientes^(5,17).

Nesta perspetiva, o *Coaching* nos Desportos emerge como uma área de intervenção que implica a construção e gestão de relações de poder no contexto social da organização desportiva⁽⁵⁾, envolvendo a gestão de conflitos desenvolvidos entre os treinadores com os outros colaboradores, sejam eles atletas, outros treinadores, diretores, presidentes, sendo esta regulação o principal papel na sua agenda⁽¹⁴⁾. O conflito é visível quando duas ou mais partes se enfrentam para atingirem objetivos incompatíveis, criando, concomitantemente, delimitações nas relações de poder e tensões entre as partes⁽⁴⁾.

Numa organização desportiva, à semelhança de qualquer outra organização, o conflito é endémico, pese embora tal não seja assumido com facilidade, possivelmente para evitar admitir que existe e por estar associado à subsistência de uma falha ou "perda de controlo"⁽⁹⁾. Sendo o conflito incontornável, é necessário geri-lo, de tal forma que as suas potenciais vantagens sejam aproveitadas e os seus efeitos nefastos mitigados ou anulados⁽³⁾, para que se possa transformar num motor de desenvolvimento social⁽⁹⁾.

Os contextos de performance parecem, precisamente, promover a ocorrência de tensões geradoras de conflitos inter e intrapessoais^(3,4). Não obstante, a forma como os treinadores lidam com esses conflitos a compreensão aprofundada deste fenómeno carece, ainda, de uma investigação cuidada e detalhada. Neste sentido, o propósito do nosso trabalho consistiu em verificar de que forma os treinadores de ginástica lidam com os conflitos gerados na relação treinador-atleta.

MATERIAL E MÉTODOS

PARTICIPANTES

Participaram neste estudo quatro treinadores de Ginástica Artística Feminina dum mesmo clube, três do sexo feminino e um do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 25 e os 55 anos (um deles possui a função de coordenador, aliada à função de treinador, tendo uma vasta experiência no treino). A seleção dos participantes ocorreu através do método de amostragem por conveniência⁽¹²⁾. Atendendo à natureza e ao objetivo do estudo, a integração do investigador no espaço da pesquisa no terreno foi facilitada e o impacto como papel de observador foi reduzido, pelo facto de ser uma peça social diária nesse mesmo espaço⁽¹³⁾.

RECOLHA DE DADOS

O processo de recolha de dados incluiu a observação participante, a filmagem de treinos e a entrevista semiestruturada. Procedeu-se à filmagem de três treinos de cada um dos participantes (12 treinos no total), acompanhada de observação participante, durante um período de tempo que abrangeu o período pré-competitivo e competitivo (17 semanas). Em todas as observações, o trabalho dos treinadores foi filmado e o áudio gravado, tendo sido retiradas notas de campo durante essas gravações.

Após cada filmagem, foram elaboradas entrevistas semiestruturadas em torno das imagens e som captados nos treinos, permitindo aceder aos pensamentos, preocupações e ansiedades experienciados pelos treinadores entrevistados⁽²⁾. Cada entrevista possuía a flexibilidade necessária para explorar áreas adicionais, o que se veio a verificar e tornar determinante durante a conversa com cada um dos treinadores⁽¹¹⁾. A duração das entrevistas variou entre 18 minutos e 1 hora e 50 minutos, sendo todas gravadas e transcritas. Foram, ainda, cruzados os dados das entrevistas com as filmagens dos treinos, incluindo captação do som, e as notas das observações participantes. De resto, as notas de campo, aliadas às observações dos vídeos, foram determinantes na posterior construção das entrevistas.

ANÁLISE DE DADOS

Neste trabalho, foi utilizado a Análise Temática a partir do modelo de seis fases proposto por Braun e Clarke⁽¹⁾. As primeiras análises (Fase inicial) foram destinadas a captar o sentido dos conteúdos mais significativos relacionados com os objetivos deste estudo, deixando algum espaço para temas emergentes e também para refletir sobre os possíveis alinhamentos de ideias. As análises posteriores visaram o aperfeiçoamento deste processo, num método de múltiplos passos para a frente e para trás com um corte progressivo até definir os temas centrais (Fase focal). A forma como cada relato contribuiu para um certo grau de novidade ou contradição para a narrativa foi profundamente considerada, enquanto os aspetos quantitativos foram os de menor importância. Foi dada uma especial atenção aos relatos que apresentaram perspetivas divergentes, uma vez que estes são mais propensos a gerar o pensamento reflexivo e discussões produtivas do que os relatos mais consensuais. Assim, esta pesquisa recorreu a vários métodos não-lineares, com as diferentes fases a afetarem-se profunda e mutuamente. Além disso, acreditamos que possuir um conhecimento razoável acerca de cada participante permite-nos enquadrar melhor os seus pensamentos e as suas práticas, na medida em que o valor do contexto é primordial. Por fim (fase teórica), realizou-se a análise dos temas tendo por referência o quadro teórico do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O PESO DA HIERARQUIA FORMAL DOS TREINADORES

O facto de uma hierarquia estar bem definida nem sempre é sinónimo de ausência de conflitos, pois não implica que os intervenientes estejam em sintonia. De facto, no nosso estudo emergiram alguns conflitos provenientes da hierarquia institucional dos treinadores. Como exemplo, identificámos um conflito gerado pelas atletas terem recorrido diretamente ao coordenador, dessa forma ultrapassando a própria treinadora.

O Carlos comentou connosco que a Benedita está sempre: 'Ó Carlos, ó vê...' (...) Nós nunca nos tínhamos apercebido que ela às vezes 'fugia' (...) porque sabe que o Carlos é o líder. (FILIPA)

O CONFLITO PERCEBIDO COMO ELEMENTO OMNIPRESENTE NO PROCESSO DE TREINO

Na prática, os treinadores acabaram por defender que o conflito tem um papel importante no processo de treino e, ainda, que a maioria só o considera positivo e benéfico se for criado e controlado por eles, com determinado propósito.

Eu tenho atletas que se não houver ali um conflito, elas não fazem nada (...) Eu tenho que gerar ou tenho que provocar o conflito até uma certa altura, depois daí não consigo porque psicologicamente a atleta já, já está de rastos, já não consegue mais. (JOANA)

O conflito é necessário para haver evolução e para haver regras (...) Também é preciso saber gerir o conflito com quem vale a pena ter conflito. (MÁRCIA)

A EXPERIÊNCIA DO TREINADOR COMO MAIS-VALIA NA GESTÃO DO CONFLITO

Neste sentido, o entendimento da paisagem social revelou-se determinante para a identificação das micropolíticas adequadas à mediação de cada conflito. A literacia micropolítica foi superior no treinador mais experiente, comparativamente aos menos experientes.

Elas às vezes dizem, quando há problemas em casa ou na escola ou 'estou em baixo, estou cansada, não dormi ou estou doente (...) e alteramos para uma coisa mais simples, que não haja tanta pressão e que elas trabalhem minimamente com alguma facilidade para render alguma coisa no treino, mas não exigir mais delas... (MÁRCIA)

Acho que o meu sucesso tem um bocado a ver com isso, a minha intervenção vai muito para além da intervenção técnica." (...) "Mas se quisermos ter sucesso nós temos que ir muito mais além, temos que nos preocupar com as atletas, preocupar com os aspetos físicos, psicológicos, social, é com os namorados é a relação com os pais. (CARLOS)

Os treinadores experientes reconhecem a necessidade de sinceridade, compreensão e sensibilidade nas suas práticas para tirar o melhor proveito dos seus atletas (Jones & Wallace, 2006). No nosso estudo, o treinador mais experiente reconheceu que pequenos pormenores,

como a existência de preferências não legitimadas, poderá potencializar microconflitos e gerar problemas a longo prazo, situação idêntica à descrita no trabalho de Jones e Wallace ⁽⁸⁾.

Se tu começares a ter afinidades ou preferências sob ponto de vista de afetividade que não sejam sustentadas pelo desempenho (...) isso é mau... (CARLOS)

A sensibilidade do treinador é igualmente recrutada nos momentos em que é necessário interpretar as reações das atletas, sob pena de uma ação gerar o efeito reverso e potenciado.

...quando atuares dessa forma tenta ver se ela percebeu ou não que o treinador tem razão, porque isso atenua imenso o impacto (...) É importante que fique esclarecido e que não fique envolto num nevoeiro que acaba sempre minar a relação treinador-atleta... (CARLOS)

Redorta (2007)⁽¹⁶⁾ reforça esta posição, ao referir que é primordial avaliar a contextualização de um conflito para se poder medir o impacto no funcionamento psicossocial dos indivíduos.

ESTRATÉGIAS NA GESTÃO DO CONFLITO

O conflito possui uma inegável importância no complexo ambiente do *coaching*, pese embora alguns treinadores tentarem evitá-lo e demonstrarem algum constrangimento em assumi-lo como um processo positivo.

Eu se tiver que me chatear com a atleta, chateio-me com a atleta, é um conflito entre nós, mas é um conflito ponderado. (FILIPA)

Todavia, os treinadores mais experientes assumiram-no como parte integrante do processo e manipularam-no de diversas formas, sempre na direção dos seus objetivos, pelo que reconhecem nele, antes de mais, uma oportunidade de desenvolvimento para todos os intervenientes.

"Eu entendo o conflito como um processo pedagógico de desenvolvimento..." (CARLOS)

Apesar das estratégias utilizadas na resolução do conflito flutuarem consoante a experiência do treinador, a negociação emergiu transversalmente, embora com diferenciações na forma e na direção.

"Estão a colaborar, (...) poderei facilitar essa situação do negociar (...) Mas com as grandes não negoceio sequer, nem elas comigo, não temos esses problemas." (FILIPA)

"... a negociação, não é nenhum processo de fragilização da relação do treinador nem da autoridade do treinador, antes pelo contrário, o que eu acho é que essa negociação potencia a autonomia da atleta e reforça a autoridade do treinador." (CARLOS)

Depreendemos assim que a consciência descomplexada de que o conflito é parte integrante do treino impulsiona a criação de estratégias micropolíticas para antecipar e tentar moderar esses conflitos. Adicionalmente, a antecipação do conflito surgiu, neste estudo, associada à experiência na atividade profissional, mostrando estar dependente da capacidade de observar para além do óbvio (do inglês *noticing*)⁽⁶⁾.

REFERÊNCIAS

1. Braun V, Clarke V (2006). Using thematic analysis in psychology. 3, 2: 77-77 – 101.
2. Cohen L, Manion L, Morrison K (2011). Research methods in education. 7th ed. London: Routledge.
3. Cunha MP, Rego A, Cunha RC, Cardoso CC (2007). Manual de comportamento organizacional e gestão: Lisboa: Editora RH, 2007.
4. Cunha P, Leitão S (2011). Manual de gestão construtiva de conflitos. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.
5. Cushion C, Jones RL (2006). Power, Discourse, and Symbolic Violence in Professional Youth Soccer: The Case of Albion Football Club. *Sociology of Sport Journal* 23, 2: 142-161.
6. Jones RL, Bailey J, Santos S (2013). Coaching, caring and the politics of touch: A visual exploration. *Sport, Education and Society* 18, 5: 648-662.
7. Jones RL, Wallace M (2005). Another bad day at the training ground: Coping with ambiguity in the coaching context. *Sport, Education & Society* 10, 1: 119-134.
8. Jones RL, Wallace M (2006). The coach as orchestrator. In: Jones RL editor. *The sports coach as educator: Re-conceptualising sports coaching*. London: Routledge, 51-64
9. McINTYRE SE (2012). Como as pessoas gerem o conflito nas organizações: Estratégias individuais negociais. *Análise psicológica* 25, 2: 295-305.
10. Mesquita I, Jones R, Fonseca J, De Martin-Silva L (2012). Nova abordagem na formação de treinadores: O que mudou e porquê? In: Nascimento J, Farias G (ed.). *Construção da identidade profissional em educação física: da formação à intervenção*. Florianópolis: Coleção Movimento, 41-60
11. Morgan DL (1993). *Successful focus groups: Advancing the state of the art*: Sage Publications.
12. Patton M, Q. (2002). *Qualitative research and evaluation methods*. 3rd ed. London: Sage.
13. Pereira A (2013). Para uma pesquisa no terreno em ciências do desporto. In: Mesquita & A Graça (Eds), *Investigação qualitativa em desporto* Porto: Centro de Investigação Formação Inovação e Intervenção em Desporto Faculdade de Desporto, Universidade do Porto 1: 97-119.
14. Potrac P, Cassidy T (2006). The coach as a more capable other. In: Jones RL editor. *The sports coach as educator: Re-conceptualising sports coaching* London: Routledge, 39-50
15. Potrac P, Jones RL (2009a). Power, Conflict, and Cooperation: Toward a Micropolitics of Coaching. *Quest* (00336297) 61, 2: 223-236.
16. Redorta J (2004). Cómo analizar los conflictos. La tipología de conflictos como herramienta de.
17. Ronglan LT (2011). Social interaction in coaching. *The sociology of sports coaching*. 151-165.
18. Santos S, Jones RL, Mesquita I (2013). Do coaches orchestrate? The working practices of elite Portuguese coaches. *Research quarterly for exercise and sport* 84, 2: 263-272.

AUTORA:

Eugénia Azevedo ¹

¹FADEUP. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal

<https://doi.org/10.5628/rpcd.17.S1A.263>

Evolução da capacidade de reflexão de uma Professora Estagiária de Educação Física no ensino dos Jogos Desportivos Coletivos

PALAVRAS CHAVE:

Reflexão. Estágio. Facilitador.

RESUMO

O objetivo deste estudo consistiu em compreender o modo como uma professora estagiária (PE), enquanto professora-investigadora, percebeu a evolução das suas capacidades de reflexão ao longo do estágio. Mormente, importou examinar em que medida o nível de reflexão influenciou os contornos da sua intervenção pedagógica ao longo do tempo. Utilizou-se a Análise Temática para analisar os dados recolhidos pela professora no seu diário reflexivo. Os resultados demonstram que a reflexão técnica predominou particularmente na parte inicial do estágio. A mudança ao longo do estágio para uma reflexão de nível mais prático foi incitada pelos problemas adstritos aos alunos e ao estímulo da supervisora que exerceu o papel de facilitadora. A PE conseguiu evoluir para o nível de reflexão prático, embora não tenha conseguido alcançar o nível de reflexão crítica, o que sugere a importância de serem implementadas estratégias formais e sistemáticas para o desenvolvimento da reflexão do professor estagiário.

Correspondencia: Eugénia Azevedo. (eugeniaazevedo8@gmail.com)